

Projeto InterAÇÃO: opiniões de alunos participantes

Interaction Project: opinions of participating students

Valéria Lamb Corbellini^a, Inês Amaro da Silva^b, Alexander Sapiro^c, Denis Marcelo C Dockhorn^d, João Carlos Santana^e, Leunice Martins de Oliveira^f, Eduardo Cristiano Hass da Silva^g, Angélica Ribeiro de Freitas^h, Jéssika Cefrin Pintoⁱ

^a Enfermeira. Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Docente da Faculdade de Enfermagem, Nutrição e Fisioterapia da PUCRS, RS, Brasil.

^b Assistente Social. Doutora em Educação pela PUCRS. Docente da Faculdade de Serviço Social da PUCRS.

^c Médico. Mestre em Pediatria pela PUCRS. Docente da Faculdade de Medicina da (PUCRS).

^d Cirurgião Dentista. Mestre em Odontologia pela PUCRS. Docente da Faculdade de Odontologia da PUCRS.

^e Médico. Doutor em Pediatria pela PUCRS. Docente da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), RS, Brasil.

^f Pedagoga. Doutora em Educação pela PUCRS. Docente da Faculdade de Educação da PUCRS.

^g Historiador. Mestrando em História pela PUCRS.

^h Acadêmica do Curso de Enfermagem da PUCRS.

ⁱ Enfermeira. Residente da Residência Multiprofissional em Saúde (PREMUS) da PUCRS.

RESUMO

Introdução: No processo de inovação curricular, os currículos de muitos cursos da PUCRS, à luz das Diretrizes Curriculares Nacionais, contam hoje com disciplinas que desenvolvem estágios, práticas assistidas, atividades complementares e de extensão comunitária fora do Campus da Universidade. No sentido de aprimorar e estimular a participação dos estudantes nas atividades de aprendizagem que envolve a inserção dos mesmos, em comunidades com vulnerabilidade social, e considerando esta uma estratégia de formação que busca integrar a formação técnica com a formação humana e cidadã, criou-se o Projeto InterAÇÃO.

Objetivo: Colher informações sobre o projeto InterAÇÃO com alunos que realizaram as oficinas, no que tange ao desenvolvimento de habilidades voltadas à dimensão social e comunitária.

Materiais e Métodos: Estudo descritivo, com abordagem qualitativa. Os participantes do estudo foram os alunos da PUCRS que participaram das oficinas do projeto InterAÇÃO, no 2º semestre de 2011 e 1º semestre de 2012. O número total de participantes foi de 173 alunos, de diferentes Áreas da Saúde, sendo elas: Enfermagem, Serviço Social, Farmácia, Odontologia, Medicina, Nutrição, Fisioterapia, Educação Física e Psicologia. A coleta de dados foi feita por meio de um instrumento, com questões fechadas e abertas e os dados analisados pelo método de análise temática de Minayo.

Resultados: Emergiram quatro temáticas: Temores/desafios encontrados na relação com a comunidade/Instituição; Interação e construção de vínculos; Descobertas nos encontros/convívios com a comunidade/Instituição e competências/habilidades necessárias para desenvolver a prática na comunidade.

Conclusão: Destaca-se que o Projeto InterAÇÃO tem se constituído como um espaço relevante para o amadurecimento de um modelo de Educação Socialmente Responsável na Universidade, propiciando ao aluno criar significado “construtivo” na sua formação pessoal, profissional e como cidadão.

Palavras-chaves: interação; comunidade; responsabilidade social; vulnerabilidade social.

ABSTRACT

Introduction: In the curriculum innovation process, the curriculum of many courses at PUCRS, in the light of the National Curriculum Guidelines, count today with disciplines that develop internship, assisted practices, complementary activities and community outreach outside the University Campus. In order to improve and encourage the participation of students in learning activities that involves the insertion of the same in communities with social vulnerability, the interaction project was created.

Objective: To get information about the interaction project with students who conducted the workshops, with regard to skills development focused on social and community dimension.

Material and Methods: This is a descriptive study with a qualitative approach. The study participants were students of PUCRS who participated in the interaction project workshops in the 2nd semester of 2011 and 1st semester of 2012. The total number of participants was 173 students of different health areas, which are: Nursing, Social Services, Pharmacy, Dentistry, Medicine, Nutrition, Physical Therapy, Physical Education and Psychology. Data collection was done by means of an instrument with open and closed questions and analyzed using the thematic analysis method of Minayo.

Results: Four themes emerged: Fears/challenges encountered in the relationship with the community/institution; Interaction and building links; Discoveries in meetings/gatherings with the community/institution and competencies/skills needed to develop the practice in the community.

Conclusion: It is noteworthy that the interaction project has been established as an important space for the maturation of a model of Education Socially Responsible University, allowing students to create “constructive” meaning in their personal and professional training, as well as citizens.

Keywords: interaction; community; social responsibility; social vulnerability.

Correspondência:

VALÉRIA LAMB CORBELLINI
Av. Ipiranga, 6681, prédio 15, sala 101
90619-900 Porto Alegre, RS, Brasil
E-mail: VLamb@pucrs.br



INTRODUÇÃO

No processo de inovação curricular, os currículos de muitos cursos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), à luz das Diretrizes Curriculares Nacionais, contam hoje com disciplinas que desenvolvem estágios, práticas assistidas, atividades complementares e de extensão comunitária fora do Campus da Universidade. A estratégia de aprendizagem que utiliza como recurso a experiência “in loco” nas comunidades e Instituições Sociais, parte do princípio de que a educação integral envolve as dimensões do pensar, do sentir e do agir e na profissional contempla a formação para a cidadania, com especial destaque às dimensões social e comunitária¹.

Desta forma, a constatação da necessidade de aprimorar a inserção de alunos que realizam estágios em comunidades de vulnerabilidade social, assim como, despertar neles, questões relacionadas à Responsabilidade Social, levou-nos à proposição da criação do Projeto InterAÇÃO. A coordenação do projeto foi constituída por uma Comissão Interdisciplinar, envolvendo a Pró-Reitoria Acadêmica (PROACAD), Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) e Centro de Pastoral e Solidariedade (CPS).

A Responsabilidade Social, apreendida pelo menos em algumas das dimensões contemporâneas que o termo passa a abarcar, é um elemento que marca a gestão das instituições comunitárias, desde a origem, na condição de universidades sem fins lucrativos, instituições públicas não estatais, algumas delas confessionais, como é o caso da PUCRS³.

O histórico compromisso na defesa de ideais humanísticos e na construção de uma sociedade mais justa e democrática, encontra muitos pontos de convergência quanto à temática da responsabilidade social e oferece oportunidades de elaboração de respostas críticas, criativas e inovadoras, considerando as demandas contemporâneas da educação superior, na perspectiva da qualidade como pertinência social. Implantar políticas e práticas de responsabilidade socioambiental e sustentabilidade nas universidades, de forma transversal, implica desencadear processos de mudança cultural e institucional, considerando as particularidades da natureza, história e características de cada organização.

Especificamente no âmbito do ensino, a Política fomenta a formação dos alunos em termos de conhecimentos, valores, atitudes e comportamentos voltados à responsabilidade socioambiental e compromisso com o desenvolvimento social e sustentável, processo que aconteceu simultaneamente à revisão dos projetos pedagógicos dos cursos. A dimensão social e comunitária da formação do aluno, alicerçada na filosofia institucional, tem sido gradativamente qualificada

e ampliada, por meio de disciplinas teóricas ou teórico-práticas, encontros e produções acadêmicas, ou ainda, em atividades complementares, com a finalidade de oportunizar a experiência ao aluno, na realidade social.

Desta forma, contribui para que o estudante aprenda a pensar por si, ajudando-o a nutrir seus próprios ideais, sonhos, ideias e mostrando uma realidade de um mundo com mais de 1 bilhão de pessoas em situação de pobreza⁴.

A sociedade está a exigir, cada vez mais, que as universidades prestem contas sobre a maneira como capacitam seus estudantes para evitar futuros casos de corrupção e para que tenham melhor consciência social^{4:33}.

Na dimensão da extensão, em especial a extensão comunitária, encontra-se o desafio da superação do enfoque filantrópico tradicional. A universidade precisa superar o enfoque da “projeção social e extensão universitária” como apêndices bem intencionados de sua função principal de formação estudantil e produção de conhecimento⁵. Na universidade em questão, a Política passa a ser um importante instrumento deste processo de mudança ao estimular o fomento, execução, apoio e capacitação, através de serviços, programas, projetos e ações, definidos conforme prioridades institucionais e articulados ao ensino e à pesquisa, bem como a políticas públicas, associadas ao desenvolvimento local, inclusão social e cidadania.

As práticas de extensão comunitária vinculadas ao ensino são, assim, oportunidades de desenvolver a formação do aluno como cidadão comprometido com a realidade social e ambiental que o cerca, mobilizando competências acadêmicas, científicas, profissionais e sociais com enfoque interdisciplinar. Da mesma forma, as práticas de extensão, associadas ao ensino e a pesquisa, podem gerar múltiplos benefícios sociais: aprendizagem dos alunos e dos atores sociais envolvidos; aplicação, produção de conhecimentos, impactos sociais e resultados relevantes para os públicos aos quais se destinam⁷.

Nesse sentido, a pesquisa teve como objetivo colher informações sobre o projeto InterAÇÃO, com alunos que realizaram as oficinas, em disciplinas curriculares, no que tange ao desenvolvimento de habilidades voltadas à dimensão social e comunitária, contribuindo para desenvolvimento da Responsabilidade Social, na Universidade.

MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo descritivo, com abordagem qualitativa. O delineamento de pesquisa refere-se ao plano geral do pesquisador para responder às questões de pesquisa⁷.

Os participantes do estudo foram os alunos da PUCRS que participaram das oficinas do projeto InterAÇÃO, no 2º semestre de 2011 e 1º semestre de 2012. O projeto constituiu de duas oficinas em disciplinas previamente definidas, de forma interdisciplinar. A primeira oficina ocorreu no início do semestre e teve como finalidade sensibilizar o aluno para as atividades que iriam realizar, ao longo do semestre, em comunidades com vulnerabilidade social. Temas norteadores para reflexão foram apresentados como: temores/desafios na relação com a comunidade; contribuição para o desenvolvimento social; competências/habilidades necessárias para desenvolvimento de atividades em comunidades vulneráveis. A segunda oficina ocorreu no final do semestre, tendo como finalidade avaliar de que forma o projeto contribuiu para inserção dos alunos nos campos de prática, enfocando as dimensões do aprender a conviver (dimensão sócio-afetiva), aprender a ser (dimensão humana) e contribuições para o desenvolvimento social. O número total de participantes do estudo foi de 173 alunos, de diferentes Áreas da Saúde, sendo elas: Enfermagem, Serviço Social, Farmácia, Odontologia, Medicina, Nutrição, Fisioterapia, Educação Física e Psicologia. O instrumento de coleta de dados foi composto de três partes: a primeira referiu-se ao termo de consentimento livre e esclarecido, a segunda, aos dados sociodemográficos do participante e, a terceira, o questionário propriamente dito. A coleta de dados foi feita por meio de um instrumento elaborado pela equipe coordenadora, de forma a responder as principais inquietações, tendo como ponto de partida o caráter inovador do Projeto. As questões norteadoras foram: De que forma as oficinas contribuíram para a inserção do aluno, na comunidade, no que refere ao desenvolvimento de habilidades voltadas à dimensão social e comunitária?; Quais as competências/habilidades necessárias para desenvolver a prática na comunidade?; O que aluno espera encontrar nos encontros/convívios/trabalhos com a comunidade/instituição?; Quais os temores/desafios encontrados na relação com a comunidade/instituição?

Após o preenchimento dos questionários, os dados foram transcritos, sistematizados e codificados para análise temática de Minayo⁴ (pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados obtidos e interpretação). Esta pesquisa foi aprovada, pelo Comitê de Ética da PUCRS, com registro nº 11/05547. Todos os participantes concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A fim de preservar a identidade do participante que respondeu ao questionário, cada um foi identificado por uma letra e um número (Q1, Q2, Q3, sucessivamente).

RESULTADOS

A análise dos resultados não esgota suas possibilidades e expressa, sobretudo, olhares próprios e transitórios dos pesquisadores ao integrarem-se ao objeto de estudo. Neste sentido, apresentamos a seguir, as quatro temáticas.

Temores/desafios encontrados na relação com a comunidade/instituição

Durante a graduação, cada vez mais cedo os alunos iniciam a sua prática profissional, direcionadas pelas Diretrizes Curriculares. Um dos grandes desafios é proporcionar-lhes um local de aprendizagem em que possam, além de construir as competências e habilidades requeridas na sua área de atuação, prepará-los para serem cidadãos engajados com o enfrentamento das diferentes expressões da questão social.

Neste sentido, “ir a campo” implica deparar-se com situações e diferenças que podem constituir-se em uma barreira para a atuação profissional ou acadêmica, em comunidades em situação de vulnerabilidade e risco social.

Comunidade é um entendimento “natural” e “evidente”, dado de antemão, e que confere organicidade à coletividade; que mantém as pessoas unidas a despeito de todos os fatores a que as separam⁸. Neste entender, a noção de comunidade evoca sentimentos emotivos que lhe imprimem certa peculiaridade em relação a outras palavras. E a palavra comunidade pode ser usada para descrever desde aldeias, clubes e subúrbios até grupos étnicos e nações.

Deparar-se com as expressões de violência que fazem parte desses cenários de prática, assim como desmistificar preconceitos, passa a ser um elemento importante da aprendizagem. Dessa maneira, se envolver com as comunidades implica em experimentar novas situações e diferenças que desafiam a atuação profissional ou acadêmica, como descrevem os próprios alunos:

“O meu maior desafio foi em questão à segurança, tinha uma visão diferente sobre pessoas da ‘vila’.” Q.72

“Violência.” Q.32

“A dificuldade que encontramos foi a precariedade que é na comunidade.” Q.93

Entendemos que o papel da Universidade também é o de preparar os alunos para compreender e intervir nas diferentes realidades sociais, pois além de formá-los para atuarem na sua área de conhecimento, também forma cidadãos comprometidos que contribuem para a melhoria da qualidade de vida, garantindo e ampliando o acesso aos direitos sociais. Deparar-se com as expressões de violência

que fazem parte desses cenários, assim como desmistificar preconceitos passa a ser um elemento importante da aprendizagem.

Sabemos que a violência, em sua expressão mais explorada pela mídia, faz parte do cotidiano, pois está presente nos noticiários que assistimos pela manhã, tarde e noite, e nos jornais que lemos diariamente. É discutida nas escolas e universidades, polemizada em filmes e, muitas vezes, está presente em nossos relacionamentos familiares ou da vizinhança. No entanto, situações de violência social podem constituir-se em impedimento para atuação de profissionais e acadêmicos da Área da Saúde que atuem junto às localidades de maior risco e de vulnerabilidade social.

As condições de ameaça com que o aluno está sujeito a se deparar no cotidiano podem desencadear desequilíbrio ou crise interna, como o medo do novo, do desconhecido, do que não lhes é familiar. Esses conflitos são necessários para a construção da crítica, pois por meio dessas experiências, o aluno pode observar o papel do profissional e desenvolver o conhecimento adquirido em sala de aula⁹. As falas abaixo reforçam essa questão:

“Medo do local, pessoas e forma como iríamos ser recebidos.” Q. 69

“Medo da violência.” Q. 83

“Temor pelo ambiente encontrado.” Q. 26

“Um pouco de medo de colocar em prática as teorias obtidas em sala de aula.” Q. 55

Trabalhar questões relacionadas à violência urbana é papel social da Universidade, na intenção de formar não apenas profissionais da saúde, mas cidadãos comprometidos com a realidade social do país, e que possam efetivamente contribuir para a melhoria da saúde e bem-estar da população, não sendo apenas espectadores¹⁰.

Neste sentido, torna-se importante incluir essa temática nos conteúdos programáticos das disciplinas para melhor preparar os alunos, desmistificando preconceitos e propiciando momentos de reflexão e diálogo.

Outra questão levantada pelos alunos foi em relação ao enfrentamento com a realidade social. Ao ingressar no campo de prática, ele se depara com situações totalmente diferentes das quais, muitas vezes, convive diariamente. Este choque com a realidade social é um desafio ao enfrentamento das dificuldades que provenham do conflito entre valores e emoções vivenciadas.

De uma maneira geral, as pessoas sentem medo do novo, do desconhecido, do que não lhes é familiar⁹. Esta

questão foi levantada pela maioria dos alunos, conforme relatado a seguir:

“O principal temor/desafio foi a diferença de realidade.” Q. 35

“Meu temor foi deparar com uma realidade diferente da minha.” Q. 52

“As crianças sem projeção de futuro. Não saber o dia de amanhã. Crianças que foram estupidadas, abandonadas...” Q. 99

“Uma realidade bastante diferente, dificuldade de acesso.” Q. 16

“Estranhamento, realidades diferentes.” Q. 15

“Saber lidar com o medo de lidar com os alunos e entender os problemas trazidos.” Q. 85

Outro aspecto gerador de muitos temores referido pelos alunos foi em relação à acolhida na comunidade e o estabelecimento de uma relação interpessoal com pessoas desconhecidas, potencializado pelos preconceitos decorrentes de uma percepção de realidade “muito” diferente da sua, conforme os relatos a seguir:

“Relacionamento com as pessoas; medo do que encontrar, medo da recepção.” Q. 25

“Meu temor era quanto à receptividade, mas, logo ao chegar esse temor se desfez, pois fui muito bem recebida.” Q. 31

“Tinha medo de não ser bem recebida pela comunidade e pelos profissionais do posto.” Q. 67

“Temor de não ser bem recebido ou de dificuldades de interação com as crianças.” Q. 82

O espaço da sala de aula, quando transposto para a realidade da comunidade e a vivência com os problemas reais oferecidos pelas atividades de extensão, faz com que professores e alunos possam questionar as informações teóricas, ampliando a articulação entre a teoria e a prática e possibilitando o discutir resoluções.

Nessa reflexão, o aluno poderá sentir medo do desconhecido e não saber lidar com as suas emoções¹¹, pois a denominada realidade social raramente pode ser apreendida, sem que se processe uma análise mais aprofundada em face da sua complexidade¹².

As falas a seguir expressam bem o enfrentamento do aluno perante a realidade vivida.

“Sentir-me impotente perante tantos problemas.” Q. 14

“Temor pelo novo, por o quê encontrar.” Q. 49

"Lidar com as emoções, lidar com a diversidade, saber ouvir, criticar menos." Q. 100

"Um desafio foi à convivência com realidades diferentes." Q. 62

Para enfrentar as diferentes realidades é necessário conhecê-las e este conhecimento é construído a partir da ida a campo. Neste período o aluno pode observar o papel do profissional, sua futura carreira e desenvolver o conhecimento adquirido em sala de aula.

Esta afirmação esteve presente nos depoimentos dos alunos:

"O medo do desconhecido." Q. 61

"Conhecer mais a realidade dos mesmos." Q. 11

"Entender o contexto social daquela comunidade." Q. 5

"Como conversamos o inesperado, cada um reage de uma maneira e cabe a nós nos adaptarmos." Q. 81

"Saber lidar com as diferenças." Q. 74

Os temores e desafios despertados e enfrentados a partir do processo de vivenciar a realidade, além de mobilizar inquietações que propiciam ao aluno integrar teoria e prática, também o faz entender que as desigualdades sociais presentes no cotidiano precisam ser compreendidas e trabalhadas ao longo do curso, em diferentes espaços da Graduação.

Interação e construção de vínculos

A interação social é um fenômeno estudado por várias áreas do conhecimento e que se constitui em elemento constituinte e fundante tanto dos processos e das relações sociais, quanto da aprendizagem. De acordo com o Dicionário da Língua Portuguesa interação é influência recíproca: a interação da teoria e da prática. É o fenômeno que permite a certo número de indivíduos constituírem um grupo, e que reside no fato de que o comportamento de cada indivíduo se torna estímulo para outro¹³.

Na educação, o conceito de interação social é um dos focos da obra de Vygotsky, e que enfatiza a dialética entre o indivíduo e a sociedade, o intenso efeito da interação social, da linguagem e da cultura sobre o processo de aprendizagem. Este processo é fundamental para a interiorização do conhecimento¹⁴.

Acredita-se que o trabalho em equipe e as interações que possibilite ampliar o agir no processo de saúde envolvem diferentes saberes, e intervém para além do âmbito individual e clínico (família e condições da comunidade envolvida).

A interação dos acadêmicos com a população em seu local de origem, assim como a cooperação estudante e docente, é de vital importância no processo ensino-aprendizagem, pois coopera no desenvolver da autonomia profissional dos futuros profissionais¹⁰.

Os relatos que seguem reforçam tal entendimento:

"Relacionamento interpessoal; acadêmicos X comunidade." Q. 65

"O meu desafio foi lidar com diversas pessoas, como de boa índole ou até mesmo difíceis de lidar." Q. 68

"Medo de ser mal interpretado." Q. 70

"De como lidar com as pessoas da comunidade." Q. 77

"Em mim, a timidez." Q. 95

A inserção dos estudantes na comunidade pautou-se nas representações das diferenças sociais, no receio em estabelecer relações, de vivenciar as desigualdades sociais, conquistar a população que não os conhecia, para que se tornasse possível a aprendizagem, o que era pretendido, assim como, aprender e respeitar com ela, as diferenças. Neste contexto, observa-se que a expectativa de interação remete não somente ao temor do enfrentamento com realidades diferentes, mas também ao enfrentamento consigo, mesmo nessa situação. Depoimentos de alguns alunos remetem para essas questões:

"Não ser aceito." Q. 10

"Relacionamento com as pessoas; medo do que encontrar, medo da recepção." Q. 25

"Desafio de aprender a conviver com diferentes pessoas e lugares." Q. 104

"Desafios em encontrar situações diferentes a minha realidade e aprender a me adaptar a elas. Saber a respeitar as diferenças." Q. 105

"Saber lidar com as diferenças." Q. 107

"Novos desafios, aprender a conviver com a desigualdade, abrir os olhos para a realidade." Q. 129

A interação entre comunidade e os estudantes, de diferentes áreas profissionais, é importante, pois é a partir desta, que ocorre o crescimento do aprendizado em relação a como interagir com comunidade, otimizando resultados e favorecendo a troca de conhecimento¹⁵.

Desta forma, estabelecer vínculos com pessoas que não convivemos e com as quais se estabelece uma relação profissional, ou ainda, em cenários de práticas que não estão habituados ou, são muito diferentes das realidades

conhecidas, parece ser um exercício difícil e, para alguns, intransponível, reforçando a necessidade de uma melhor preparação, antes do início das práticas.

Descobertas nos encontros/convívios com a comunidade/instituição

A aprendizagem faz parte da existência do ser humano em seus mais diversos espaços e momentos da vida. Na comunidade, essa aprendizagem possibilita o cruzamento de diferenças de saberes, distinto daqueles que circulam nas instituições onde, tradicionalmente, as práticas dos cursos da Área de Saúde ocorrem.

O refletir e compartilhar experiências e saberes no trabalho cooperativo pode contribuir para que a universidade repense suas práticas e, assim, encontre novos eixos para os seus currículos¹⁶. Entretanto, não é só neste quesito, pois sentimentos como, atitudes, cooperação, solidariedade e responsabilidade social estarão envolvidos em um único propósito, colocados como elementos necessários ao processo de aprendizagem e ofertando, aos futuros profissionais, oportunidades de práticas para além de um saber essencialmente técnico. Os depoimentos dos estudantes reforçam essa afirmação:

“Lidar com as emoções, lidar com a diversidade, saber ouvir, criticar menos”. Q. 100

“Demandas diversificadas em cada paciente, e o desafio de se adequar a cada atendimento.” Q. 7

“Encontrei trocas, bases intercambiais, solidariedade, boa discussão.” Q. 8

“Integração de forças – solidariedade entre colegas da área; exclusão de alguns, em determinados grupos não era possível discutir ideias novas (dificuldade de aceitação).” Q. 10

“Ver que pessoas com menos condições são mais felizes, muitas vezes. Despertar a vontade de ajudar o próximo.” Q. 87

“Diversidade de tipos de atuação profissional.” Q. 15

Os dados levantados na pesquisa vêm a confirmar o entendimento em que a aprendizagem é a superação de desafios, a resolução de problemas, pois a construção do conhecimento novo tem por base a gama de conhecimentos passados. É ler o mundo para poder transformá-lo¹⁷.

Entendemos que os desafios que surgem em um trabalho/estágio, podem se apresentar sob a forma de obstáculos que impedem a sua efetivação ou proporcionar um aprendizado e um incentivo à busca de novas possibilidades. Os relatos a seguir confirmam essa afirmativa:

“Experiências – Momentos de convivências com a comunidade – Atividade de aprendizagem.” Q. 56

“Aprendizagem da convivência das diferenças de classe social.” Q. 57

“A possibilidade da construção de conhecimento.” Q. 42

“Pessoas receptivas, com vontade de apresentar suas idéias e experiências.” Q. 43

“Encontrei valores que não conhecia.” Q. 52

“Desafio/conhecimento/crescimento/amor/felicidade e doação.” Q. 58

“Pessoas realmente interessadas em ajudar.” Q. 61

Em um primeiro momento, os alunos experimentaram medo no desenvolver atividades comunitárias, face ao enfrentamento do desconhecido. Este aprendizado, via de regra, não consta dos objetivos curriculares, sugerindo mínima atenção por parte dos educadores, mesmo que os acadêmicos enfatizem tal necessidade. Assim, é vital que a universidade institua “fontes orais” das práticas desenvolvidas e aposte em uma formação cultural sólida e crítica dos seus alunos¹⁰.

A proximidade com o desconhecido não nos faz conhecedores privilegiados dessa realidade: rotinas e hábitos cotidianos produzem uma familiaridade com o vivenciado. No entanto, familiaridade não é igual a conhecimento.

Neste sentido, para que os alunos possam dimensionar a realidade e refletir a respeito da construção social é preciso estranhar o familiar e ter uma atitude crítica quanto a sua constituição e movimento. Refletir na responsabilidade, na criação, desse fenômeno exige, por parte deles, coragem e vontade de enfrentar desafios, romper estigmas, abrir corações e mentes. As falas a seguir denotam esta compreensão:

“Crianças que vivem em uma realidade muito dura, com ausência de valores, educação, afeto, etc. Pude perceber que uma boa parcela delas só encontra isso no projeto.” Q. 102

“Demandas diversificadas em cada paciente, e o desafio de se adequar a cada atendimento.” Q. 7

“Condições sanitárias precárias na sala e banheiro das crianças.” Q. 103

“Encontrei uma realidade um pouco diferente da minha, que me fez crescer um pouco, e também a repensar, principalmente no meu conceito de ‘problema!’” Q. 104

A vivência nos cenários de prática e as descobertas acima reveladas, contribuem para a construção de saberes

que possibilita ao aluno ser o protagonismo do seu próprio aprendizado. O ato educativo surge como um ato de recriação de significados.

Assim, sensibilizados com a realidade social encontrada, estudantes em suas práticas de estágio ampliam sua aprendizagem para além de atender tecnicamente ou formalmente os objetivos da disciplina, mas também, aprendem a acolher a comunidade e integrar conhecimentos teóricos com a realidade social.

Competências/habilidades necessárias para desenvolver a prática na comunidade

O aluno da área da saúde, desde o início da sua graduação, ao manter contato com comunidades distintas daquelas com que ele está mais acostumado, experimenta diversas emoções e convive com novos questionamentos. A visão diferente da realidade que o cerca pode resultar em conflitos de valores ou em estímulo para mudanças de atitudes, inclusive no seu processo de aprendizagem e na formação de sua cidadania. Evidentemente, a única maneira de conhecer diferentes comunidades é frequentar campos de práticas, onde o aluno tem a possibilidade de ampliar seus conhecimentos teóricos, observar as ações dos profissionais em saúde, perceber as reações da população e, até mesmo, desenhar a sua futura carreira. Alguns depoimentos dos alunos deixam esses aspectos muito claros:

“Um desafio foi à convivência com realidades diferentes.” Q. 62

“Encontrar informações e ter noção dos desafios é realmente algo importante que transcreve um desafio. Temor pelo ambiente encontrado.” Q. 26

“Desafios em encontrar situações diferentes a minha realidade e aprender a me adaptar a elas. Saber a respeitar as diferenças.” Q. 105

“Novos desafios, aprender a conviver com a desigualdade, abrir os olhos para a realidade.” Q. 129

“O convívio, a troca de experiência, o bate papo, tudo isso muda a tua forma de pensar e agir.” Q. 114

O mundo contemporâneo está baseado na revolução tecnológica, na informação automática e nos seus desdobramentos, exigindo um redimensionamento da educação superior, na formação profissional. Na construção do conhecimento, os conteúdos devem ser tratados de maneira contextualizada, ampliando o significado do aprendizado.

A “habilidade das habilidades” é desenvolver no aluno o pensar no plano teórico e prático, assinalando para ele o processo contínuo de autoconstrução e autorreflexão

para ampliar as oportunidades, dentro de circunstâncias dadas¹⁸. Quando o aluno tem contato prático com uma camada economicamente desfavorecida da sociedade, ele percebe o quão desafiadora pode ser a sua graduação: o acelerado processo de produção e acúmulo do conhecimento deve ser contínuo, qualificado e sempre complementado por uma essencial formação humanística, crítica e, portanto, comprometida com a transformação da realidade. Alguns depoimentos enfatizam a importância do contato com a realidade na formação profissional:

“A possibilidade da construção de conhecimento.” Q. 42

“Encontrei respostas para minhas dúvidas.” Q. 71

“Aprendizado com a experiência.” Q. 90

“Encontrei pessoas que me fizeram acreditar na minha capacidade como futuro profissional da minha área.” Q. 125

Torna-se importante que o ensino proporcione ao aluno, além do conhecimento técnico e científico, a sua qualificação como pessoa e cidadão de uma sociedade cada vez mais complexa e com o desafio de superação das desigualdades sociais. O termo “competência” origina-se do latim “*competere*” significa lutar, procurar ao mesmo tempo, pedir ou buscar junto com os outros, tender a um mesmo ponto¹⁹. Competência é a

[...] capacidade de agir eficazmente em um determinado tipo de situação, apoiada em conhecimentos, mas sem limitar-se a eles (...) um conjunto de esquemas ou recursos capazes de mobilizar conhecimentos para solucionar situações complexas, utilizando-se de criatividade, inovação, ética e versatilidade^{19,25}.

As competências não se limitam a determinados conhecimentos e, por meio de um processo de aprendizagem, se transformam e ampliam esses próprios conhecimentos. Por sua vez, habilidade deriva do termo latino *habilitas* e refere-se à capacidade de saber fazer, envolvendo ações práticas e objetivas que se repetem, se aperfeiçoam e se complementam, resultando em novas competências. A importância da troca de experiências nos campos de práticas foi manifestada por diversos alunos, conforme relatos a seguir:

“Maior conhecimento, tanto profissional quanto pessoal.” Q. 55

“Despertou-me a conhecer mais o ser humano e suas complexidades.” Q. 70

"De que o convívio em grupo, a troca de conhecimentos, acrescenta o saber individual." Q. 71

"Experiência, aprendizagem e capacidade de expressar a realidade na minha área." Q. 85

"A troca de experiências em um local diferenciado impulsiona a motivação." Q. 65

Um dos principais desafios do ensino superior é formar profissionais com habilidades e competências relacionadas com inovação, criatividade, ética e trabalho em equipe, características exigidas pela sociedade. A vivência da prática educacional precisa transpor o que está escrito nas matrizes curriculares, pois é por meio desta vivência, em diferentes cenários, que o aluno irá agregar habilidades importantes para a sua vida profissional e pessoal, como o trabalho em equipe, a interação com a diversidade, entre outros⁸.

Além disso, a Universidade deve ter um projeto pedagógico inovador e capaz de buscar a atenção e o prazer do aluno para a sua própria aprendizagem. Ensinar a pensar é uma forma de preparar o estudante a refletir sobre o contínuo e crescente fluxo de informações que chegam a ele, por meio de diversas conexões e redes. Da mesma forma, ampliar experiências em campos de práticas pode conduzir o aluno a interpretar seus conhecimentos de maneira contextualizada. Nos relatos dos estudantes, a comunicação e os relacionamentos interpessoais foram habilidades apontadas como essenciais para desenvolver práticas comunitárias na Área da Saúde e facilitar as trocas de saberes.

Muitos dos estudantes apontam que a comunicação é uma habilidade fundamental para compreensão de papéis, formação de vínculos e garantia de credibilidade. Observa-se que a maioria deles destacam a importância de saber ouvir as pessoas da comunidade, não somente no que se refere àquilo que é explicitado claramente, mas também, às mensagens subliminares ou figuradas:

"Uma boa escuta, ser gregário, facilidades de relações interpessoais." Q. 8

"Escuta sensível, troca de conhecimento." Q. 39

"[...] Habilidade de se fazer compreender." Q. 9

"[...] ser paciente e saber usar uma linguagem acessível à comunidade." Q. 67

"A maneira de chegar nas pessoas, abordagem, respeitar, ver que as diferenças nos fazem crescer." Q. 105

O importante é que a fala seja tomada como um desafio a ser desvendado, e nunca como um canal de transferência

de conhecimento. Precisa haver alguns níveis de prática para fazer a transformação, momentos de experiência que fazem a conversão¹⁷. Em determinados depoimentos os alunos destacam que o exercício da comunicação em campos de prática pressupõe a capacidade de ouvir e entender, seguindo-se de reconstruir, interagir e expressar.

"Capacidade de escuta, empatia, desejo de justiça social/mudanças." Q. 59

"Saber ouvir e acolher os pacientes." Q. 7

"Saber ouvir e falar." Q. 35, Q. 48, Q. 49

"Diálogo límpido, acrescentando e conseguindo o bem estar do próximo." Q. 76

"A habilidade de se 'doar' e de saber 'ouvir'." Q. 60

Outra competência importante trazida pelos estudantes foi o relacionamento interpessoal como um dos pontos mais importante para o desenvolvimento da prática comunitária. Diversas características foram apontadas como necessárias e facilitadoras desse contato mais íntimo com as comunidades. A aproximação entre as pessoas de uma forma aberta e desprovida de julgamentos prévios, no qual as partes envolvidas tem a consciência da sua participação e importância na construção dos saberes é o passo inicial para esse relacionamento. A clareza das ideias dos alunos, inclusive, revela que a partir do respeito às diferenças, pode-se construir o humanismo, a solidariedade e a autonomia:

"Relacionamento sem preconceito [...]" Q. 9

"Não julgar as pessoas por antecedência [...]" Q. 67

"Respeito, compreensão, solidariedade, paciência, conhecimento, etc." Q. 111

"Respeitar as diferenças das mesmas." Q. 104

"Paciência, compreensão, acessibilidade, autonomia, humanismo, respeito com o próximo, carinho." Q. 112

Ao compreender o outro o estudante percebe ser esta a base do caminho da humanização, das relações humanas. Essa habilidade requer a consciência da complexidade humana e a compreensão de aprender e reaprender incessantemente²⁰. É neste contexto que os estudantes reconhecem a importância do respeito e da solidariedade entre as pessoas, de acordo com as falas abaixo:

"Gostar do que faz; fazer bem. Intervir quando necessário e adequadamente, respeitar a condição de vida das pessoas que estão naquele lugar." Q. 100

"Conhecimento, igualdade a todos, respeito." Q. 122

"Respeito, atenção, dignidade, solidariedade." Q. 106, Q. 108

"Paciência, criatividade, sensibilidade, tolerância, compaixão, etc." Q. 109

"Ter responsabilidade e saber bem o que está fazendo e gostar do que faz." Q. 126

Entre as características mais destacadas pelos alunos para adequação do relacionamento interpessoal está a empatia ou a capacidade de se colocar, por meio da experiência própria, no lugar de outra pessoa, compreendendo seu sentimento ou sua reação, conforme segue:

"Empatia, compreensão, acolhimento da demanda, continência e coragem." Q. 11

"Empatia e amor." Q. 13, Q. 16, Q. 20

"Bom-humor e empatia." Q. 82

"Bom senso, empatia, liderança, autoconfiança, paciência, saber lidar com as diferenças." Q. 102

A empatia é a capacidade de tentarmos perceber o mundo e as coisas sob a ótica do outro, sem perdermos a nossa própria. É uma operação do intelecto, consciente, capaz de ser aprendida e desenvolvida, desde que haja disposição em compreender ao outro²¹.

No presente estudo, algumas manifestações indicam que os alunos tiveram oportunidade de demonstrar graus diferentes de comprometimento com a sociedade, inclusive detectando que essa interação social é uma importante oportunidade para ampliar a sua formação profissional.

"O comprometimento, empatia e dedicação fizeram a diferença nas atividades com a comunidade." Q. 65

"Acho que o diálogo que tivemos com eles e a forma como abordamos os assuntos tratados fizeram com que pelo menos eles se interessassem por adquirir hábitos saudáveis." Q. 133

"Não vi aquelas pessoas como um objeto de estudo; vi nelas como pessoas reais em busca de demandas reais. Tenho muito a agradecer a elas. Ajudei elas pensarem formas diferentes de agir." Q. 11

"Através da consciência/conscientização e construção de conhecimento." Q. 32

"A forma de trabalhar a cooperação e afetividade com alunos ensinando o desenvolvimento para a cidadania." Q. 85

Em torno dos novos desafios impostos pelo estilo de sociedade e a intensidade de novos conhecimentos e técnicas que são lançados, precisamos nos desconstruir e reconstruir sempre de novo, para estarmos à altura dos tempos¹⁸. Uma maneira de desenvolver o processo ensino-aprendizagem é centrá-lo no desenvolvimento de competências e habilidades por parte do aluno, diminuindo a ênfase no professor ou no conteúdo.

Construir uma competência significa aprender a identificar e a encontrar os conhecimentos pertinentes. Assim, é preciso propiciar ao estudante, durante a sua trajetória acadêmica, o desenvolvimento da sua capacidade de buscar e ampliar conhecimentos, refletindo e reconstruindo, criticamente os fatos¹⁹. Precisamos de um profissional apto a captar a multidimensionalidade das realidades, para reconhecer o jogo das interações e retroações. Desta forma, estar apto para contextualizar, situar, globalizar e, também, tentar estabelecer uma conexão com os diferentes meios sociais, sem desvirtuar a condição local-temporal-cultural singular²².

O processo de aprendizagem deve contribuir com a humanização e a transformação da sociedade. Colaborar com a formação de profissionais competentes e socialmente responsáveis continua sendo um dos maiores desafios da educação profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desempenhar atividades individuais e coletivas é próprio do profissional da Área da Saúde. Observa-se, a partir dos resultados, a relevância do projeto na construção de uma ressignificação em relação a responsabilidade social dos alunos como cidadãos e futuros profissionais, comprometidos com a cidadania e os direitos sociais. A abordagem interdisciplinar do projeto Interação tem se constituído em importante espaço de trocas sobre valores e concepções que norteiam cada área profissional e cada dimensão da formação profissional (ensino, extensão e a dimensão da educação marista), na perspectiva de amadurecimento de posicionamento ético, crítico e criativo dos alunos na realidade social.

Na primeira temática emergiram respostas dos alunos relacionadas ao primeiro impacto com a comunidade, mas que nas temáticas seguintes este impacto é suprido pela aprendizagem adquirida ao decorrer da oficina do projeto e prática comunitária, trazida por eles. A reflexão induzida pelas oficinas, por meio de questões-chaves, contida em cada temática, leva o aluno a fazer uma análise de si, visando o seu aprimoramento como cidadão e futuro profissional.

Percebemos nas demais temáticas, que os alunos puderam verbalizar, por meio das oficinas, antes de iniciar as atividades de práticas na comunidade, sentimentos referentes aos temores e desafios. Também puderam conhecer um

pouco mais sobre os interesses, atitudes e maneira de ser dos integrantes e quais as relações estabelecidas sobre a comunidade, refletindo principalmente sobre a necessidade de desenvolver competências para lidar com as diferenças e a valorização das relações com o outro.

Para um grande número de alunos da PUCRS, atuar em ambientes diferentes daqueles nos quais normalmente vivem, constituiu-se em um primeiro contato com realidades até então desconhecidas, mobilizando diferentes sentimentos e percepções. A experiência *in loco* proporciona um acréscimo às capacidades de análise crítica e de planejamento de ações para superação de conflitos, ampliando a visão de mundo e da realidade social em seu entorno.

Trabalhar previamente essa ida a campo permite sensibilizar os alunos e abrir espaço para escuta e trocas que permitam criar significado “construtivo” à experiência futura, como parte de sua formação pessoal e profissional, como cidadão. Da mesma forma, desenvolver com maior segurança, eficiência e qualidade as atividades propostas nas disciplinas, contribuindo para uma melhor qualidade de vida das pessoas e/ou grupos atendidos. Da mesma forma, foi possível verificar a importância de fortalecer a cultura de interação entre alunos, professores e instituições, qualificando a participação e o compromisso com a realidade social e comunitária.

Uma política de Desenvolvimento Social, além de ser um instrumento para nortear um conjunto de iniciativas voltadas ao desenvolvimento social, pode alinhar conceitos, estratégias, prioridades e linhas de ação das diferentes instâncias acadêmicas nesta área. Da mesma forma, contribuir para construção de um modelo de gestão e criar sinergias entre as práticas de Responsabilidade Social e Desenvolvimento Social, no contexto do Desenvolvimento Sustentável, em uma Universidade.

Entretanto, elaborar uma política de desenvolvimento social integrando os campos do ensino, da pesquisa, da extensão num modelo de gestão requer ainda um processo permanente e dinâmico de comunicação e articulação na construção de concepções e práticas comuns, que passem a dar consistência à desejada construção de uma visão compartilhada que será a sustentação de todo o processo. Nesse sentido, o Projeto InterAÇÃO tem se constituído em espaço relevante de amadurecimento de um modelo de Educação Socialmente Responsável na Universidade, necessitando assim, de novas pesquisas referente a essa temática.

REFERÊNCIAS

1. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Projeto pedagógico institucional. Porto Alegre: EDIPUCRS; 2007.
2. Ilansana LS, Barrio JJM, Pujol JME. O educador marista: sua identidade, seu estilo educativo. Porto Alegre: EDIPUCRS; 2013.

3. Oliveira M, Dalla Rosa M, Silva IA. Um olhar sobre a responsabilidade social nas IES comunitárias. In: Nunes AK, organizador. Universidade comunitária e avaliação: os quinze anos do PAIUNG. Santa Cruz do Sul: UNISC; 2009.
4. Wagenberg A. A urgência da responsabilidade social universitária. Rev ABMES 2006;24,(36):35-55.
5. Vallaey F. O que significa responsabilidade social universitária? Rev ABMES. 2006;24,(36):27-34
6. Silva IA. Responsabilidade social e sustentabilidade na universidade: a elaboração de políticas institucionais como estratégia. In: Anais do II Congresso Acadêmico do BAWB – Global Fórum America Latina. Curitiba; 2009.
7. Minayo MC. O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 7 ed. São Paulo: Hucitec; 2000.
8. Bauman, Z. A Sociedade Individualizada: vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro, Zahar; 2008.
9. Scherer ZAP, Scherer EA, Carvalho AMP. Reflexões sobre o ensino da enfermagem e os primeiros contatos do aluno com a profissão. Rev Lat Am Enfermagem. 2006;14(2):285-91. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692006000200020>
10. Souza MHN, Paz EPA, Griep RH, Sousa AI, Silva LL, Paixão AR. Experiências de ensino-aprendizagem de estudantes de enfermagem em uma comunidade do município do Rio de Janeiro. Esc Anna Nery Rev Enferm. 2006;10(2):251-7. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-81452006000200012>
11. Ferreira RC, Silva RF, Zanolli MB, Varga CRR. Relações éticas na Atenção Básica em Saúde: a vivência dos estudantes de medicina. Ciênc Saúde Coletiva. 2009;14 Suppl 1:1533-40. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232009000800027>
12. Riscal SA. A realidade social e os desafios para a pesquisa em educação. Psicol Educ. 2010;(31):45-52.
13. Holanda AB. Míni dicionário Aurélio da língua portuguesa: nova ortografia. 8ª ed. Curitiba: Positivo; 2010.
14. Vygotky LS. A Formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes; 1989.
15. Pupulin ART, Guilherme ALF, Araújo SMA, Falavigna DLM, Dias ML, Oliveira NLB, Oliveira RM. Envolvimento de acadêmicos em programa integrado visando a melhoria nas condições de vida de comunidades. Acta Sci. 2001;23(3):725-9.
16. Fagundes NC, Burnham TF. Discutindo a relação entre espaço e aprendizagem na formação de profissionais de saúde. Interface. 2005;9(16):105-14. <http://dx.doi.org/10.1590/s1414-32832005000100009>
17. Freire P, Shor I. Medo e ousadia: o cotidiano do professor. São Paulo: Paz e Terra; 1996.
18. Demo P. Habilidades e competências no século XXI. Porto Alegre: Mediação; 2010.
19. Perrenoud P. Construir as competências desde a escola. Porto Alegre: Artes Médicas; 1999.
20. Morin E. Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro. São Paulo: Cortez; 2006.
21. Silva MJP. Comunicação tem remédio: a comunicação nas relações interpessoais em saúde. São Paulo: Gente; 1996.
22. Morin E. A Minha esquerda. Porto Alegre: Sulina; 2011.